



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III – GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**JÉSSICA NATANE PESSOA DE LIMA**

**O CLITÓRIS E AS MULHERES**

**GUARABIRA-PB  
2016**

**JÉSSICA NATANE PESSOA DE LIMA**

## **O CLITÓRIS E AS MULHERES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em História.

Área de concentração: História Cultural.

Orientador: Prof. Dra. Susel Oliveira da Rosa.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732c Lima, Jéssica Natane Pessoa de  
O clitóris e as mulheres [manuscrito] / Jessica Natane Pessoa  
de Lima. - 2016.  
16 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.  
"Orientação: Susel Oliveira da Rosa, Departamento de  
História".

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Clitóris. I. Título.

21. ed. CDD 362.4

JÉSSICA NATANE PESSOA DE LIMA

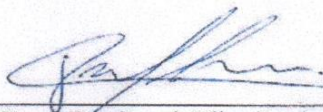
## O CLITÓRIS E AS MULHERES

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

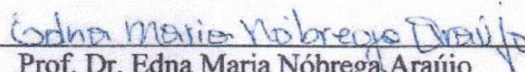
Área de concentração: História Cultural.

Aprovada em: 25/10/2016

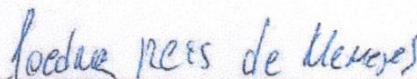
### BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Susel Oliveira da Rosa (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Edna Maria Nóbrega Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Joedna Reis de Meneses  
Instituto Federal da Paraíba (UEPB)

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO: Um pouco da história do clitóris .....</b> | <b>05</b> |
| <b>CORPO FEMININO.....</b>                                | <b>07</b> |
| <b>CLITÓRIS E POLÍTICA .....</b>                          | <b>12</b> |
| <b>CONCLUSÃO.....</b>                                     | <b>14</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                  | <b>14</b> |

## O CLITÓRIS E AS MULHERES

Jéssica Natane Pessoa de Lima<sup>1</sup>

### RESUMO

O debate central neste artigo é mostrar como é vista a sexualidade feminina ao longo da história, sendo motivo de discussões, estudos e pesquisas, muitas vezes sendo silenciada. Ao recapitular alguns momentos da história, podemos ver, as diferentes práticas sociais e a importância de como é visto e interpretado o corpo feminino e seu funcionamento. O que buscamos aqui é problematizar os discursos feitos pelos médicos e anatomistas em relação ao clitóris, e a revolução clitoriana na década de 1979. Estas óticas permitem problematizar os discursos socioculturais sobre o corpo feminino ao longo da história. Para tal como referencial teórico usamos Margareth Rago, Michel Foucault, Berenice Bento, entre outros.

**Palavras-chave:** Gênero, Sexualidade, Clitóris.

### INTRODUÇÃO: Um pouco da história do clitóris

Com base na História Cultural, pretendo analisar como o corpo feminino foi representado ao longo da história com base nos debates sobre o clitóris e a anatomia feminina. Tendo o clitóris como o foco de estudo dessa pesquisa, podemos ver como as mulheres foram descobrindo seu corpo, “descobrimdo” o prazer e como foi silenciado esse prazer ao longo da história já que o corpo feminino foi construído pelos discursos médicos como sendo um corpo “doente e histérico”.

Em 1559, Readolus Colombus, ou Mateo Renaldo Colón, havia “descoberto” a fonte do prazer feminino. O clitóris, foi considerado um “mini pênis” e sede dos “deleites das mulheres” (Rago, 2002:183). Para os fantasiosos contistas do período, a mulher e o homem tinham os mesmo genitais “comparados”, por algum tempo, durante o século XIX. Será que realmente o clitóris é esquecido ou silenciado por ser a maior libertação da mulher, onde ela tem sua independência sexual? Onde ela se emancipa do falo? Para Rago, o clitóris é silenciado física e discursivamente em períodos de maior controle sobre a mulher, sobretudo naqueles em que ela é associada à figura sacralizada de mãe, sendo, portanto, totalmente dessexualizada (Rago, 2002:183). Podemos ver alguns estudos que trazem discursos e interpretações médicas sobre o corpo feminino, precisamente o clitóris. Podemos ver releituras do corpo feminino a partir

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.  
Email: jessica.pessoa@hotmail.com

releituras de óticas médicas, como Renaldo Colombo (anatomista italiano), Vesalius Galeno, Regnier Graaf, Pierre Rossuel, Julien Joseph Verey e Thomas W. Laqueur.

O corpo feminino ao longo do tempo foi sexualizado, mas para entender que o corpo foi sexualizado, vamos ver o quê é sexualidade para Michel Foucault. Sexualidade é o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa. (Foucault, 1988: 139.). Sendo assim veremos como o corpo feminino é qualificado e desqualificado por essa prática ao longo da história. Ao longo da história podemos ver os discursos médicos em relação ao corpo feminino e seu funcionamento. Assim como meados dos séculos anteriores. A mulher era percebida inferior ao homem, acreditava-se que tinha os mesmos órgãos genitais que ele por algum tempo, com a diferença de estarem dentro e não fora, porém o clitóris era visto como um pequeno pênis atrofiado, fazendo dessa questão anatômica um discurso de inferioridade da mulher sob o homem. Era comum esse discurso de que a mulher era inferior ao homem sendo embasado na sua anatomia, podemos ver alguns discursos de médicos que mostravam que a mulher era inferior ao homem, a partir das leituras dos corpos. Assim como Galeno nos mostra a sua leitura. Segundo ele, a mulher não passava, no fundo, no fundo, de um homem com problemas na formação dos órgãos genitais. Galeno, que desenvolveu o modelo mais importante sobre a natureza homólogo entre os órgãos reprodutivos do macho e da fêmea, no século II d. C. (RAGO, 2002), afirmava que a mulher tem testículos acompanhados de canais seminais iguais aos do homem, um de cada lado do útero, com a única diferença de que os machos estão contidos na escrota e os da fêmea não. Se todos eram de apenas sexo, segundo a lógica de Galeno, então só se tinha homens ou mulher?! (*Clitóris, prazer proibido*) Tendo só um só sexo, por que a necessidade de fazer da figura feminina como inferior, se todos eram iguais segundo essa lógica?

No início do século XIX, o órgão que definirá a essência da mulher ainda não tinha nome próprio. Galeno referia-se a ele usando o nome que utilizava para os testes masculinos, “oschis” (RAGO, 2002:183). No século XVII, Regnier de Graaf (anatomista holandês) chamava o ovário pelo nome latino, “testiculi”, onde no século seguinte, Pierre Rousel, autor do “Systeme et moral de La femme”, um dos autores mais influentes do período denomina os dois corpos ovários em cada lado do sistema que cada um adota (RAGO, 2002:184). Ele acreditava que tinha “descoberto” o clitóris, que já tinha sido descoberto por Colombo, porém tinha sido esquecido.

Em 1844, o alemão Georg Kobelt enfim o “deflora”: publica uma série de desenhos, onde a medicina não podia mais ignorá-lo. Em meio aos discursos médicos que a genitália

feminina foi definida através dos séculos. Também dessas falas sobre o que é o clitóris e como ele era representados ao longo do tempo pelos discursos médicos, sabemos o que ele proporciona?! Podemos ver o que ele é segundo a fala da Dra. O'Connell, no documentário (*clitóris, prazer proibido*), ela mostra que o clitóris é bem maior que pensamos, é um órgão mais complexo que pensamos. Thomas Laqueur no século XVIII chama a atenção para o fato que a construção cultural da fêmea em relação ao macho, expressa em termos de realidades concretas do corpo, estava mais profundamente enraizada em assunções sobre a natureza da política e da sociedade (RAGO, 2002:185).

## **CORPO FEMININO**

Janela sobre o corpo  
 A igreja diz: o corpo é uma culpa  
 A ciência diz: o corpo é uma máquina  
 A publicidade diz: o corpo é um negócio  
 O corpo diz: eu sou uma festa.  
 ( As palavras andantes de Eduardo Galeno, 1993).

Ao longo da história podemos ver como o corpo é representado por meio de discursos sendo ele feminino ou masculino, sendo fruto de uma construção sociocultural em que ele se insere, o corpo sempre foi produtor de grandes discussões é inegável, desde a sua identidade a valores sociais.

A norma de gênero repete que somos o que nossas genitálias formam. Esse sistema, fundamentado na diferença sexual, nos faz acreditar que deve haver uma concordância entre gênero, sexualidade e corpo. Vagina-mulher-emoção-maternidade-procriação-heterossexualidade; pênis-homem-razionalidade-paternidade-procriação-heterossexualidade. As instituições estão aí, normatizando, policiando, vigiando os possíveis deslizamentos, os deslocamentos. Mas os deslocamentos existem (BENTO, 2006:13).

De acordo com o meu sexo biológico vou assumir meu papel social, pois é assim que aprendemos, sendo esse ensinamento uma construção cultural. Com os meus hormônios e genitália me represento socialmente como mulher mas a representação do corpo feminino quanto corpo que me diz que sou “mulher” sempre teve essa representação? Seria o corpo uma construção sociocultural? Lembrando que Simone de Beauvoir diz em 1949: não se nasce mulher, torna-se mulher. Onde assumo minha identidade “mulher”, vou descobrindo o meu



corpo com cautelas, sim! Pois a partir do momento que me identifico como mulher eu tenho que ter cuidados até as descobertas sob meu próprio corpo, assim como alguns discursos machistas faz com que as mulheres tenham pudor do seu próprio corpo. Onde passamos a dar valores, representações ao seu corpo, constituindo um sujeito de acordo com os valores aprendidos social e culturalmente, assim como Michel Foucault nos mostra:

Toda ação moral, é verdade, comporta uma relação com o real no qual ela se efetua e uma relação ao código ao qual se refere; mas implica também em uma certa relação a si; esta não é simplesmente “consciência de si”, mas constituição de si como ‘sujeito moral’, na qual o indivíduo circunscreve a parte de si mesmo que constitui o objeto desta prática moral, define sua posição quanto aos preceitos que segue, que fixa um certo modo de ser que valeria como uma realização moral de si mesmo e, para isto, age sobre si mesmo, trata de se conhecer, se controlar, se testar, se aperfeiçoar, se transformar (Foucault, 1984 :351).

Sendo assim a mulher comportando-se enquanto “mulher” na sociedade, sendo ela controlada por ser mulher, vista como mãe, sendo ela privada do poder da sexualidade. Contudo, ao logo da história as mulheres vão tendo conhecimento do seu corpo, por mais que escutem, aprendam discursos cerceadores:

Nesse processo analítico, a identidade feminina fragmenta-se e o gênero se apresenta em toda a sua plasticidade. Passamos a nos mover em terrenos mais escorregadios, em que o conceito de identidade passa a nos orientar de maneira bastante nebulosa, ainda que criativa e instigadora (BENTO, 2006:15).

Caberá a natureza construir dois corpos diferentes e a sociedade dar nomes a eles e poder um sobre o outro? “E gênero adquire vida a partir das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estética definida como apropriada” (BERENICE, 2006:90). Sendo assim a história do corpo esta ligada ao dispositivo da construção do biopoder, sendo ele o corpo, construído ao longo da história. Berenice Bento cita que “Scott definiu gênero como (1) um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) uma forma primaria de dar significado as relações de poder” (BENTO, 2006:75).

Se paramos para pensar como a mulher vai conhecer ou até mesmo descobrir seu corpo ao longo do tempo é um tanto interessante, além dos discursos controladores sob ela, que muitas vezes em meio a essa sociedade de controle passa a ter medo de conhecer-se, ou seja conhecer seu próprio corpo. Se lembrarmos de alguns séculos atrás, onde a Igreja cobria o corpo da

mulher, o pudor fazia com que ela ficasse longe de seu corpo, tinha um certo controle para não pecar, pois diziam-se que seu corpo era propício ao pecado, onde suas vontades sexuais são demonizadas, e sua vagina era só para a reprodução, vista como um tesouro da natureza, pois era o símbolo da maternidade, prazer era pecado. Sendo assim a mulher não passava de um vazo receptor de espermatozoides. Ao longo da história a mulher foi conhecendo e tendo direito pelo seu corpo apesar da opressão que ela ainda tem por parte da sociedade por ter uma vagina, por ser mulher, por ter emoções, por ser procriadora. Será que somos o que nossa genitália é? Foucault: nos diz que a noção de “sexo”:

[...] permitiu reagrupar segundo uma unidade artificial os elementos anatômicos, as funções biológicas, as condutas, as sensações, os prazeres e permitiu o funcionamento desta unidade fictícia como princípio, causa, sentido omnipresente, segredo a ser descoberto em toda parte: o sexo pode assim funcionar como significante único e como significado universal (1994; 168).

Uma sociedade que cobra muito sobre a vida do outro, principalmente quando o outro se trata da mulher, de sua sexualidade. A partir de pensamentos estabelecidos pela sociedade como “normal”, é difícil de uma pessoa construir sua singularidade, a partir do medo dos olhares inquisitórios, já que os dispositivos sociais passam a considerar o diferente como anormal, mas o que será o anormal? Se pensarmos que o anormal não existe, pois o normal não existe, não somos iguais um objeto feitos do mesmo jeito com as mesmas medidas, como esses objetos de fabricas, sendo assim não somos normais, a partir do momento que temos cada um uma subjetividade não somos iguais, sendo assim o normal também não existe.

A construção do corpo feminino, a representação social da mulher sendo esta centrada função de procriadora, assim como nos discursos da Igreja. Esse corpo feminino, com seus hormônios e seu órgão genital, o clitóris. Sendo o clitóris o principal ponto de nossa discussão, a fundação do sexo biológico. Como analisa Foucault:

O poder seria essencialmente o que, ao sexo, dita sua lei. O que quer dizer, primeiramente, que o sexo se encontrado por ele sob um regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. O que significa, em seguida, que o poder prescreve ao sexo uma ‘ordem’, que funciona ao mesmo tempo como forma de inteligibilidade: o sexo se decifra a partir de sua relação com a lei. O que quer dizer, enfim que o poder age pronunciando a regra: a tomado do poder sobre o sexo se faria pela linguagem ou melhor por um ato de discurso criando, do fato mesmo que se articula, um estado de direito. Ele fala, e é a regra (Foucault, 1976 :119).

Para Foucault,

[...] a noção de 'sexo' permitiu regroupar segundo uma unidade artificial os elementos anatômicos, as funções biológicas, asconduas, as sensações, os prazeres e permitiu o funcionamento desta unidade fictícia como princípio causa, sentido omnipresente, segredo a ser descoberto em toda parte: o sexo pode assim funcionar como significante único e como significado universal (Foucault,1976: 204).

O poder não se dá, ele se exerce, diz Foucault (1994:235-236).

Sabemos que o clitóris não só se limita a da o prazer, é algo bem mais complexo, mas ele proporciona o prazer feminino, sendo ele já visto ao longo da história também como o causador da histeria feminina. Em alguns textos renascentistas de estudiosos como Baker Brown, Georg Kobelt, entre outros, em que o clitóris é concebido como um órgão que faz o prazer das mulheres e sem o qual elas “não teriam desejo nem prazer e nem nunca poderiam conceber” (RAGO, 2002; 168) se tornam separados a ideia de desejo e prazer. Hoje sabemos que ele sim é uma das fontes de prazer. Porém o clitóris era tido como a causa da histeria feminina “clitóris e histeria”. Podemos ver um pouco como era retratada essa histeria no filme *Hysteria, 2001*, que vai mostrar que a histeria era o problema da época, em 1880. O filme mostra que as mulheres históricas, eram históricas por não terem prazer ou por falta de uma boa manipulação no clitóris. Assim podemos ver que a mulher conhecer seu corpo era fundamental, o que vai fazer ela ter uma vida diferente dos discursos controladores. O filme vai mostrar como surge o vibrador, que é mais para suprir as necessidades femininas, para tratar da “histeria” proporcionando prazer. Podemos ver que nas cenas do filme que as seções “médicas” tinham como objetivo de estimular o sistema nervoso através do clitóris. Mas só foi em 1952 que o diagnóstico de histeria acabou. O filme, *Hysteria* conta o surgimento do brinquedo sexual, que se tornou o objeto mais usado no mundo segundo dados relatados na película. É importante deixar claro que a falta de conhecimento do psiquiatra no filme, submetiam mulheres com sintomas de depressão, a passar por uma massagem na vulva para sanar o problema assim tido como histeria (uma doença feminina). Até 1952, mulheres eram diagnosticadas com histeria, quadro clínico que surgia no útero. Os sintomas: ninfomania, frigidez, melancolia, ansiedade; tratamentos: nos casos mais graves, internação e esterilização. A histeria foi desconstruída e sua universalidade, sua unidade como entidade mórbida ou categoria de doença e, o que é mais importante, sua própria existência em qualquer tempo ou lugar foram postas em questão (MITCHELL, 2006; 26).

O clitóris que era visto como um meio de tratar da histeria feminina, pois está por muito tempo foi vista como uma doença das mulheres. Os médicos vinculavam a histeria ao útero e só depois que vão ver que ela esta relacionada ao cérebro e que qualquer pessoa esta sujeita a ter e não só as mulheres:

Acompanhando a história da histeria na Europa, podemos ver uma troca de definição da mulher como fêmea biológica por sua definição como caracterologicamente “feminina”. A associação natural de que histeria é igual a útero problemático deu lugar a uma explicação ideológica da feminilidade. Isso abriu caminho ao preconceito contra a mulheres que, embora abertamente muito menos severo, não era menos maligno que o que acompanhara a troca semelhante da explicação natural da histeria no mundo clássico pela transformação de histeria em bruxaria na Idade Média (MITCHELL, 2006; 28).

Com os movimentos feministas o clitóris passa a ser visto em 1979 como a libertação feminina, a “Revolução Clitóriana”. Muito diferente dos conservadores que viam orgasmo clitóriano como uma ameaça à heterossexualidade. Podemos ver que o dispositivo da sexualidade tem como razão de ser não apenas reduzir, mas proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar os corpos de maneira cada vez mais detalhada e de controlar as populações de forma cada vez mais global (FOUCAULT, 1976:141).

Com a “revolução clitoriana” nos anos 1970 o pequeno órgão da mulher, foi cada vez mais associado à anormalidade e ao lesbianismo. Onde os médicos alegavam que a necessidade sexual da mulher, indicava como desejável a relação tradicional, em que procurava ter orgasmo vaginal. No ano de 79 as feministas radicais, lésbicas assumidas e mulheres emancipadas proclamavam sua independência sexual em relação do império do falo. Acusando os homens de desconhecem o corpo e a sexualidade feminina.

No ano 1997, o jornal Folha de São Paulo noticiou a publicação de um romance, *O anatomista* (1996) de autoria do psicanalista argentino Federico Andahazy. Com o anatomista, o clitóris volta a cena novamente. Dessa vez tocando mais com a moral da sociedade, pois vai mostrar que as mulheres sentem prazer, e que não são tão frágeis como a sociedade pensava, a sociedade mostrava a mulher com o sexo frágil, através de um discurso que, as mulheres por natureza, haviam pedrestinadas às tarefas da reprodução, e as que se recusavam a essa função deveriam ser percebidas como “desviantes” ou “associais”. Era o caso das feministas, consideradas mulheres que recusavam sua condição e seu espaço natural; a maternidade e o lar e desejavam ser homens, ou quase como homens, mais um discurso machista construído sobre as mulheres. A mulher que a sociedade mostrava era a mulher que não fazia sexo. Uma mulher

com pudores, vista só como mãe dos seus filhos, a figura de mãe, dessexualizando-a (OLAVARRIETA, 1929). A mulher passou a entender mais seu corpo, a prestar mais a atenção nele, passam a ver que elas são responsáveis pelos seus próprios orgasmos, que não precisam, mais de um homem para sentir prazer como elas já estavam acostumadas a ouvir, esse discurso que diz que a mulher precisava do falo do homem pra ter prazer, colocando a mulher como inferior ao homem. Mas o clitóris foi peça fundamental para a redefinição social da figura mulher, o clitóris e política se encontram, trazendo muito para se pensar.

## **CLITÓRIS E POLÍTICA**

É importante de se pensar o corpo como uma “arma”, sendo ele uma forma de reivindicações, assim como as feministas usavam e usam dele para expressar através do auxílio da arte, de seu corpo, para as performances para lutar por suas conquistas. Assim marcando a questão política do corpo, onde a mulher deixa bem claro que o seu corpo lhe pertence, e que ela pode estar onde ela quiser, tentando desconstruir o discurso patriarcal, onde o corpo pode ir e vir, assim como o corpo masculino, pois o feminino tem suas limitações por causa desse discurso machista e patriarcal. Foucault, fala que: “É pelo sexo, com efeito, ponto imaginário fixado pelo dispositivo da sexualidade, que cada um deve passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (...) à totalidade de seu corpo (...) à sua identidade”.(FOUCAULT, 1984: 60). Porém há muito tempo ouvia-se que a mulher não deveria frequentar todos os ambientes que o homem, sendo ela limitada à casa, o lar, seu lugar. Essa ditadura fez com que as feministas pensassem em defesa da sua liberdade, liberdade politicamente de seu corpo.

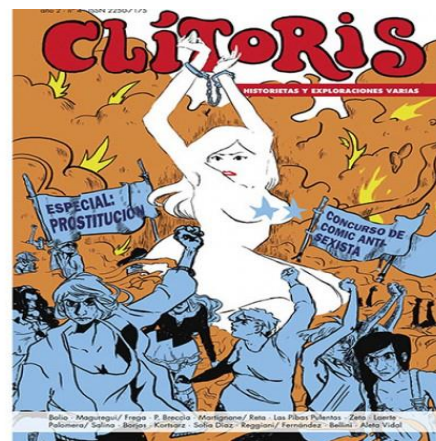
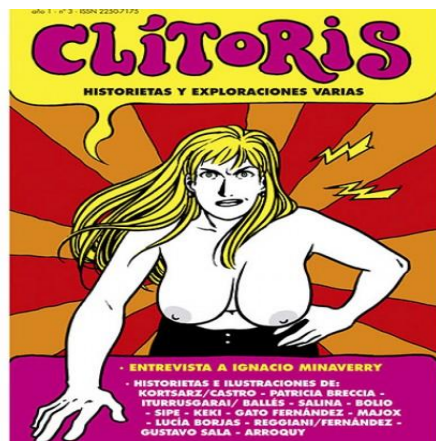
Pois mulheres são pessoas, merecem direitos iguais assim como os homens tem direitos e deveres, as mulheres também tem que ter, não é porque ela é uma mulher que ela vai ser vista como inferior ou até mesmo como propriedade, ela é dona do seu corpo! São questões como essas que foram primordiais para os movimentos feministas. Pois as mulheres historicamente tiveram seus direitos excluídos, onde as feministas começam essa luta, sendo uma luta política, onde buscam a liberdade em parte de seu próprio corpo, de sua subjetividade. Sendo essa luta vista em varias culturas, como a que podemos ver na pratica desumana chamada “circuncisão” através do filme *Flor do deserto* (2010). A história do filme vai ser contada a partir da história de vida da personagem, mostrando como é o drama das mulheres que viviam nessa cultura e como eles cultivavam esta pratica. O filme vai mostrar que as mulheres que eram cortadas, eram vistas como mulheres boas, essa pratica é feita nas meninas enquanto crianças, onde o clitóris é decepado como prova de virgindade, além de na noite de núpcias o marido faz outro corte,

porém muitas não chegam nem a casar, pois acabam morrendo ainda criança, em função de infecção que acabam tendo na hora da retirada do clitóris, pois é feito em qualquer lugar e sem nenhuma higiene.

Com a mulher conhecendo seu corpo, ela passa a se inserir no espaço cultural, passa a falar sobre tais assuntos que por muito tempo elas eram excluídas, passam a ver o poder simbólico do clitóris, o quanto ele representa para sua libertação. Logo, falar de seu corpo de seu clitóris é um ato político e ajuda as mulheres a gerar discussões como essa e a tencionar e questionar e lutar pela abolição de práticas absurdas e cruéis como a circuncisão.

Assim surge a necessidade do feminismo, para esclarecer e reivindicar os direitos das mulheres, que elas podem mais do que muitas pensam, e que elas podem estar em qualquer lugar. Sendo elas donas de si, seu corpo suas políticas.

Em meio a essa discussão, sobre a política do corpo uma argentina Mariela Acevedo criou uma revista de história em quadrinhos: *Clitoris* (em espanhol, o acento fica no i). A revista discute questões sociais e é uma forma de levar o conhecimento para todos, pois vai falar sobre temas importantes e que devem ser discutidos.



2

## CONCLUSÃO

Um dos resultados mais significantes desta pesquisa foi a oportunidade da compreensão de como é tratado o corpo feminino, e de como era representado aos discursos médicos que por muitas vezes eram bem preconceituosos por se tratar do corpo feminino.

<sup>2</sup> Imagens retiradas do site: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/mariela-acevedo-criadora-da-revista-clitoris-publicacao-argentina-de-quadrinhos-e-genero>. Acesso em: 17 out 2016, às 11:35.

Por muito tempo a sexualidade feminina foi silenciada e mostrada até mesmo em alguns momentos de forma errada, onde o nosso objetivo foi mostrar uma história que não era mostrada e quando era, chegava para poucos. Pouco se via até mesmo nos livros de anatomia quando se tratava do corpo feminino. Foi importante ressaltar que o corpo é algo mais amplo do que se pode imaginar. Assim como o prazer não está relacionado só ao clitóris, mas sendo ele umas das fontes de prazer rejeitadas e silenciadas ao longo da história.

## ABSTRACT

The central discussion in this article is to show the approach to female sexuality through history, and reason of discussions, studies and research, often being silenced. In reviewing some moments of history, we can see the different social practices and the importance how it is seen and interpreted the female body and its functioning. What we aim here is problematize the speeches made by doctors and anatomists in relation to the clitoris and clitoral revolution in the decade of 1979. These optics allow problematize the socio-cultural discourse about the female body through history. We use as theoretical framework Margareth Rago, Michel Foucault, Berenice Bento, among others.

**Keywords:** Gender, Sexuality, Clitoris.

## REFERENCIAS

ANDAHAZI, Federico. *O anatomista*. EL ANATOMISTA. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Ed, Janeiro de 2005.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*: Rio de Janeiro: Garamond, 2006

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CHALKER, Rebecca. *A verdade sobre o clitóris: o mundo secreto ao alcance da sua mão*/ Rebecca Chalker; tradução Cristiana Serra. – Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.192 pp.

COLUMBUS. R. *De re anatômica*, 1559. Apud LAQUEUR, op. cit., 123.

DOMENCKE, Muchuto. *Clitóris, prazer proibido*. Produção: Cats & Dogs filmes, Syliconenet Arte France. 1 DVD ( 45 mim).

FOUCAULT, Michel. 1984. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1976, v. 1.

FOUCAULT, Michel. *Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)* São Paulo, 2010.

HORMANN, Sherry. *Flor do Deserto*. Produção: Waris Dirie, Cathleen Miler. 2009. 1 DVD (2 h 7 mim).

MITCHELL, Juliet, 1940. *Loucos e medusas: o resgate da histeria e do efeito das relações entre irmãos sobre a condição humana*. Rio de Janeiro, 2006.

RAGO, M. *Os mistérios do corpo feminino, ou as muitas descobertas do “Amor Venéris”*. São Paulo, 2002.

WEXLER, Tanya Wexler. *Hysteria*. Produção: Tracey Becker, Judy Cairo, Sarah Curtis, 2001. 1 DVD (95 mim).